

## AGÊNCIA E REGULAÇÃO NA CULTURA HIP HOP: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO OFÍCIO DE MC

Cairo Henrique dos Santos Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** No trabalho em questão realizamos uma discussão sociológica sobre o processo de profissionalização de MCs no circuito transnacional de batalhas de rima, com ênfase nas redes de colaboração estabelecidas na cultura Hip Hop da América Latina. Partindo do referencial teórico dos Estudos de Hip Hop e dos Estudos da diáspora africana, fazemos um cruzamento analítico deste referencial com a Sociologia das Profissões, apontando tanto aproximações, quanto distanciamentos. O texto é dividido em duas partes: primeiro uma discussão sobre o papel da agência criativa na cultura Hip Hop, sinalizando a construção histórica do Hip Hop e o surgimento das batalhas de rima; segundo, um debate acerca dos modos de regulação do ofício de MC, tendo como base a Sociologia das Profissões. Ao final, argumentamos em favor da necessidade de descentramento dos modelos de análise profissional vigentes, com vistas à incorporação de concepções de sujeito e conhecimento compatíveis com as experiências dos sujeitos que articulam agência criativa através do circuito de batalhas de rima.

**Palavras-chave:** MCs; profissionalização; agência.

## AGENCY AND REGULATION IN HIP HOP CULTURE: CONSIDERATIONS ON THE PROFESSIONALIZATION PROCESS OF THE MC CRAFT

**Abstract:** In this paper, we conduct a sociological discussion on the process of professionalization of MCs in the transnational circuit of battle raps, with an emphasis on the collaboration networks established in Latin American Hip Hop culture. Based on the theoretical framework of Hip Hop Studies and African Diaspora Studies, we make an analytical crossover between this framework and the Sociology of Professions, pointing out both similarities and differences. The text is divided into two parts: first, a discussion on the role of creative agency in Hip Hop culture, signaling the historical construction of Hip Hop and the emergence of battle raps; second, a debate on the modes of regulation of the MC profession, based on the Sociology of Professions. Finally, we argue in favor of the need to decentralize the current models of professional analysis, with a view to incorporating concepts of subject and knowledge compatible with the experiences of the subjects who articulate creative agency through the circuit of battle raps.

**Keywords:** MCs; professionalization; agency.

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais, mestre e doutorando em Sociologia (UFSCar). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0199085192792066>. E-mail: cairo@estudante.ufscar.br.

## AGENCIA Y REGULACIÓN EN LA CULTURA HIP HOP: CONSIDERACIONES SOBRE EL PROCESO DE PROFESIONALIZACIÓN DE LA ARTESANÍA DE MC

**Resumen:** En este artículo realizamos una discusión sociológica sobre el proceso de profesionalización de los MCs en el circuito transnacional del battle rap, con énfasis en las redes de colaboración establecidas en la cultura Hip Hop latinoamericana. A partir del marco teórico de los Estudios del Hip Hop y de los Estudios de la Diáspora Africana, hacemos un cruce analítico entre este marco y la Sociología de las Profesiones, señalando tanto similitudes como diferencias. El texto se divide en dos partes: primero, una discusión sobre el papel de la agencia creativa en la cultura Hip Hop, señalando la construcción histórica del Hip Hop y el surgimiento de los battle raps; en segundo lugar, un debate sobre los modos de regulación de la profesión de MC, a partir de la Sociología de las Profesiones. Finalmente, argumentamos a favor de la necesidad de descentralizar los modelos actuales de análisis profesional, con miras a incorporar conceptos de sujeto y conocimiento compatibles con las experiencias de los sujetos que articulan la agencia creativa a través del circuito de los battle raps.

**Palabras clave:** MCs; profesionalización; agencia.

### Introdução

Este trabalho<sup>2</sup> constitui um exercício de instrumentalização teórica e cruzamento crítico e criativo entre dois referenciais no campo da Sociologia, sendo eles, por um lado, os Estudos de Hip Hop, e, por outro, a Sociologia das Profissões. Na tentativa de compreender algumas das transformações recentes ocorridas na cultura Hip Hop, com ênfase no circuito de batalhas de rima que vem se consolidando através da América Latina nos últimos anos, indagamos se o estabelecimento de novos modos de regulação dos campeonatos e ligas de rima improvisada pode ser compreendido enquanto um processo de profissionalização do ofício dos Mestres de Cerimônia - ou "MCs". A hipótese em favor da qual argumentamos é de que a articulação de agência criativa no contexto de campeonatos e ligas transnacionais de

<sup>2</sup> O artigo em questão resulta das atividades de pesquisa desenvolvidas no início do curso de doutorado em Sociologia, cursado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizado com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), através do processo 2023/17994-0.

batalhas de rima produz deslocamentos nas formas de organização e estratégias de mobilização dos sujeitos e grupos da diáspora africana (FLOR, 2021).

Nesse sentido, a cultura Hip Hop parece indicar, por meio da crescente regulação profissional das atividades dos MCs, a formação de um circuito cultural latino-americano e contra-hegemônico, ancorado na prática das batalhas de rima e nas redes de solidariedade e colaboração da juventude negra periférica. Os impactos desse processo sobre a comunidade global do Hip Hop e sua capacidade de articulação transnacional podem ser percebidos nas ligas internacionais de improvisação rimada, a exemplo do Freestyle Master Series (FMS) e do Red Bull FrancaMente (Red Bull Batalla), sendo ambas ligas recentemente estabelecidas no Brasil, que passaram a ser consideradas o locus principal das discussões transnacionais sobre batalhas de rima e cultura Hip Hop.

Partindo das características das atividades desenvolvidas pelos MCs brasileiros nestes campeonatos e dos impactos das estratégias de regulação dos mesmos sobre as experiências dos MCs e sobre seus modos de articulação de agência criativa, procuraremos caracterizar as batalhas de rima e as condições contemporâneas do ofício de MC, explorando, inicialmente, suas relações com a diáspora africana, a partir dos Estudos de Hip Hop, e, em um segundo momento, a interpretação possível de suas transformações recentes enquanto um processo de profissionalização, partindo da Sociologia das Profissões. Ressaltamos que o estado atual do trabalho de campo da pesquisa em questão é precoce, de modo que nos encontramos na fase mais especulativa e abstrata da pesquisa, com ênfase na finalização de nosso enquadramento analítico e na articulação teórica das principais questões levantadas - assim, não pretendemos generalizar nossas reflexões, mas apenas posicionar questionamentos em torno de um objeto. A seguir, apresentaremos uma discussão breve sobre Hip Hop, em seguida comentaremos as contribuições da Sociologia das Profissões, para então, caracterizar como as novas condições de regulação das batalhas de rima contribuem na profissionalização dos MCs.

## Agência criativa da cultura Hip Hop à diáspora africana

O Hip Hop, conhecido popularmente como um movimento cultural e político, pode ser compreendido, de uma perspectiva sociológica, como uma cultura urbana juvenil da diáspora africana<sup>3</sup>, isto é, um conjunto de modos de vida dotado de formas e estratégias de ação e redes de sociabilidade específicas (SANTOS, 2022, *passim*), que surgem como um discurso cultural de crítica às ausências e excessos do Estado nacional enquanto modelo de identificação e de gestão da sociedade civil - ou ainda, enquanto um circuito e um sistema de significação global, originado e desenvolvido através das formações culturais do que conhecemos como Atlântico negro (GILROY, 2012).

Os movimentos constantes de ida e retorno dos fluxos culturais globais que compõem o Hip Hop buscam compartilhar saberes construídos coletivamente, para integrá-los nas experiências da juventude negra periférica global, com quem o Hip Hop dialoga diretamente, intercedendo pelos sujeitos em termos éticos e estéticos (OLIVEIRA, 2015, p. 523). Na fase atual do Hip Hop, MCs, DJs, B.boys e B.girls, grafiteiros (as)<sup>4</sup>, jornalistas, professores e pesquisadores, voltam-se às necessidades de disputa por reconhecimento e legitimidade na cultura Hip Hop, buscando ampliá-la, exaltá-la e conservá-la, enfatizando sua história e potencial transformador.

No campo da Sociologia da Cultura, e mais especificamente dos Estudos da diáspora africana e dos Estudos de Hip Hop, se estabelecem, nos cinquenta anos do Hip Hop, desafios teórico-metodológicos urgentes, marcados pela ausência de uma análise sistemática das estratégias de

<sup>3</sup> Entendemos a diáspora africana como uma categoria analítica voltada à interpretação da história cultural de grupos e populações africanas globalmente dispersas, que pode se referir a um processo histórico, uma condição social, um espaço geopolítico e um discurso político-cultural (ZELEZA, 2005, p. 579), mas também, uma metodologia ou epistemologia, vinculada ao descentramento da narrativa colonial da modernidade, predominante no ocidente (MEDEIROS, 2023, p. 349).

<sup>4</sup> DJs, MCs, B-Boys, B-Girls e grafiteiros (as) são sujeitos praticantes da cultura Hip Hop, envolvidos nas modalidades rap, breaking e grafite. DJs (*disk jockeys*) produzem bases instrumentais, sobre as quais os MCs (*masters of ceremonies*), realizam suas performances poéticas, compondo o elemento do rap. B-Boys e B-Girls fazem performances coletivas e individuais de dança compondo o elemento breaking. E grafiteiros (as) produzem desenhos, tags e disputas estéticas próprias nos espaços públicos, compondo o elemento grafite.

articulação da cultura Hip Hop. Tais estratégias poderão ser compreendidas a partir da análise das experiências construídas por MCs brasileiros nos fluxos transnacionais de agência criativa negra. De acordo com Valter Silvério (2022), o conceito de *agência criativa negra* se refere às formas dinâmicas de ação e de mobilização cultural, política e intelectual dos sujeitos e grupos da diáspora, construídas coletivamente e articuladas globalmente com vistas à gestão de práticas e políticas de valorização da vida negra, preservação da memória negra, celebração de diferenças e construção de hegemonias (SILVÉRIO, 2022, *passim*). Aqui utilizamos tal conceito como uma ferramenta de investigação e um modelo interpretativo das estratégias de reconhecimento e disputas por legitimidade da cultura negra na modernidade.

Dando um passo atrás, a fim de retomar a historicidade do Hip Hop como um objeto sociológico e demonstrar sua pertinência analítica, discutiremos brevemente alguns elementos da histórica cultural do Hip Hop, passando por seu surgimento nos Estados Unidos na década de 1970, por sua recepção e transformação no Brasil nos anos 1980, e pelo surgimento do circuito de batalhas de rima na década de 1990.

O Hip Hop surgiu como uma perspectiva cultural norteadora nas vidas de jovens negros e latinos das periferias dos Estados Unidos, em 11 de agosto de 1973, durante a primeira festa de rua (*block party*) com sistemas de som (*sound systems*), realizada na Sedgwick Avenue, nº 1520, no South Bronx, em Nova Iorque, por Cindy Campbell e seu irmão, DJ Kool Herc - em especial a partir da performance *Back to School Jam*, motivada pelo desejo da juventude do Bronx de comemorar o verão antes do retorno do período letivo. No final de 1973, o DJ Afrika Bambaataa fundou a *Zulu Nation*, primeira posse<sup>5</sup> a promover o Hip Hop enquanto cultura, ou seja, como uma forma singular de “consciência coletiva” (IGLESIAS; HARRIS, 2022, p. 126). A *Zulu Nation* tornou-se uma organização voltada à conscientização do potencial transformador do Hip

---

<sup>5</sup> Segundo João Batista de Jesus Félix (2005), posses “são espaços em que as discussões políticas de interesse do Hip Hop ocorrem [...] na posse os praticantes de qualquer um dos quatro elementos definidores do Hip Hop fazem as suas reflexões políticas e ideológicas” (FÉLIX, 2005, p. 80).

Hop e de suas possibilidades de articulação através das rotas de experiência da juventude negra. Tais rotas adquirem significados políticos e sentidos práticos no Hip Hop, facilitando a mobilização social e a resistência política da juventude às desigualdades, à discriminação e à violência, normalizadas e intensificadas no South Bronx, durante o período “pós-industrial” (ROSE, 2021, p. 21).

No Brasil, a origem da cultura Hip Hop pode ser encontrada nas primeiras músicas com afinidade estética com o Rap - os melôs - como o “Melô do Tagarela”, lançado por Luís Carlos Miele, em 1980 (MACEDO, 2016, p. 25), mas também, no estilo inovador de dança da “onda breaking”, responsável por tornar a cultura Hip Hop representativa para a juventude negra periférica da cidade de São Paulo (MACEDO, 2016, p. 27). Nesse contexto, grupos de B-Boys como o Funk Cia, influenciaram a criação das primeiras posses no Brasil, como o Sindicato Negro (MACEDO, 2016, p. 30). A partir da atuação política de organizações como o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Instituto da Mulher Negra (Geledés) nos espaços sociais da cultura Hip Hop, junto às posses e às equipes de som dos bailes black, é criado em 1989, o Movimento Hip Hop Organizado (MH2O), voltado à organização da juventude negra nas periferias de São Paulo (FELIX, 2005, p. 161).

À medida que o Hip Hop se popularizou como “cultura de rua”, ocorreram mudanças que centralizaram as práticas e representações do Hip Hop em torno do Rap, e mudanças territoriais, que gradualmente deslocaram os eventos e os agentes para as periferias, onde as posses assumiram a responsabilidade de organizar o Hip Hop enquanto um instrumento de resistência, associado a atividades de lazer, educação e arte. Nesse contexto, à medida que grupos de Rap se consolidaram na opinião pública e na indústria, como o Racionais MCs (OLIVEIRA, 2018 apud RACIONAIS, 2018, p. 11), a identidade coletiva do Hip Hop tornou- se mais próxima de discursos políticos de denúncia contra a violência, contra as desigualdades sociais e contra o racismo, por influência de grupos de Rap como N.W.A. e Public Enemy.

Avançando, salientamos a relevância do circuito de batalhas de rima para a cultura Hip Hop no Brasil e na América Latina, como uma rede dinâmica de relações afrodiáspóricas, ancorada na prática discursiva da

improvisação rimada. As batalhas de rima são práticas culturais, eventos sociais e performances poéticas, baseadas em um confronto retórico estabelecido entre os Mestres de Cerimônia (MCs). Sua origem afrodiáspórica implica influências culturais como o padrão responsorial dos cantos de interpelação e resposta, típico da *Embolada* e do *Repente*; as interações em coro, do *Jongo* e da *Umbigada*; e a influência de jogos de palavras como o *The Dozens* e o *Toasting* (ROSE, 2021, p. 193). O improviso, conhecido também como *freestyle*, consiste em um discurso rítmico em que as rimas são feitas na hora. As primeiras batalhas de rima do Brasil surgiram nos anos 1990, no Rio de Janeiro, em *bailes black* nos quais as “rodas de improviso” tornaram-se predominantes, como a festa *Zoeira*, que levou à criação da *Batalha do Real*, em 1999.

A prática do improviso também passou a ser conhecida, ao migrar para São Paulo no início dos anos 2000, como *funk falado* ou *tagarela*, em vista do destaque concedido à poesia. Firmando-se como ocupação cultural nas praças e estações de metrô, as batalhas de rima foram desvinculadas dos *bailes black* e se espalharam pelo Brasil, contando atualmente com cerca de duzentas batalhas de rima semanais somente no *Círculo Paulista de Batalhas de MCs* (CPBMC). Da perspectiva transnacional, as batalhas de rima são fundamentais para a articulação política do Hip Hop global, por constituirão uma base cultural material a partir da qual as experiências coletivas e posicionamentos críticos da juventude negra periférica são formulados.

Após esta breve caracterização da cultura hip Hop e do circuito de batalhas de rima no Brasil, apontaremos para as articulações globais de agência criativa que entrecruzam projetos de emancipação e de disputa por reconhecimento travados pelos sujeitos, salientando algumas das iniciativas estrangeiras que contribuem para a regulação das batalhas de rima no interior das ligas transnacionais como FMS e Red Bull FrancaMente. Nesse sentido, as contribuições da Sociologia das Profissões são fundamentais, nos fornecendo vocabulário técnico adequado e um arcabouço conceitual revigorante, que contribui para o posicionamento das principais dimensões analíticas e preocupações empíricas necessárias em um estudo sociológico sobre profissões e/ou ofícios em vias de profissionalização.

## Processos de regulação na cultura Hip Hop e a Sociologia das Profissões

Nosso olhar analítico sobre as batalhas de rima enquanto um “círculo” é baseado no conceito de *círculo da cultura*, forjado pelo sociólogo Paul Du Gay (1997) e, posteriormente, articulado teórica e metodologicamente por Stuart Hall (2016). O círculo da cultura pode ser entendido como o espaço físico e/ou simbólico em que a cultura é construída, e em que ela acontece, em termos do compartilhamento de sentidos que se estabelece entre os sujeitos e os grupos. A construção interpretativa de consensos e dissensos ocorre ao longo dos diferentes momentos-chave do modelo analítico do círculo da cultura, a saber: produção, representação, consumo, identidade e regulação (HALL, 2016, p. 18). No tocante à análise sociológica das transformações recentes nas batalhas de rima, concedemos primazia à dimensão da regulação.

Partindo dos Estudos de Hip Hop entendemos a profissionalização como um processo de regulação das relações culturais, políticas e econômicas que atravessam e constituem as batalhas de rima. A “profissão MC” é uma categoria êmica da cultura Hip Hop, utilizada em letras de canções de Rap desde a década de 2000, e que aos poucos foi consolidada no campo dos Estudos de Hip Hop e na discussão sobre batalhas de rima no Brasil. As investigações a respeito do processo de profissionalização de MCs buscam principalmente compreender as relações polivalentes existentes entre a luta política por reconhecimento da cultura Hip Hop e conjuntos de interesse exógenos, sobretudo econômicos.

Por outro lado, segundo Sida Liu (2018), a profissionalização, um dos paradigmas dominantes na Sociologia das Profissões, pode ser entendida como uma teoria que permite compreender a transformação de grupos ocupacionais em profissões, através de mudanças de licenciamento, associação e códigos de ética (LIU, 2018, p. 45). No contexto das batalhas de rima, o aspecto “estrutural” apontado pelo autor no processo de profissionalização quase não pode ser identificado, devido à fluidez e descontinuidade das mudanças observadas, de modo que a especificidade desse processo deve ser buscada nas experiências sociais dos sujeitos,

segundo a orientação interacionista (JAISSON, 2018, p. 704). Assim, buscaremos aproximar as discussões sobre profissionalização estabelecidas nos Estudos de Hip Hop do referencial da Sociologia das Profissões, sinalizando algumas semelhanças e diferenças. Ao caracterizar o circuito de batalhas de rima na América Latina, o direcionamento analítico específico da Sociologia das Profissões, preocupado com questões como domínio de expertise, formação de jurisdições e distribuição de credenciais, mostra-se fundamental para esta investigação.

Além do Brasil, outros países como Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, México, Peru, Uruguai, República Dominicana, Venezuela, também desenvolveram circuitos nacionais de batalhas de rima com propensão às trocas multiculturais na América Latina. Tal processo se inicia a partir da atuação articulada de sujeitos e de instituições dedicadas à criação de um projeto transnacional de fortalecimento da agência criativa na cultura Hip Hop. Esses circuitos nacionais são amarrados por relações profissionais e eventos internacionais, como o *Red Bull FrancaMente* (também conhecido globalmente como *Red Bull Batalla*), criado em Porto Rico no ano de 2005, e a liga *Freestyle Master Series* (FMS), criada na Espanha em 2017 (ABAD, 2021, p. 34). Tais redes de colaboração são coordenadas por grupos como a *Urban Roosters* (RAMOS, 2020, p. 54), uma empresa/organização social responsável pela gestão das formas de organização e cooperação da comunidade transnacional das batalhas de rima na América Latina, e pela coordenação de plataformas digitais de comunicação voltadas às comunidades hispanófonas e lusófonas da cultura Hip Hop.

A atuação destas organizações no Brasil se inicia em 2020, pela realização da primeira edição do *Red Bull FrancaMente*, e, a partir de 2024, a primeira edição da liga FMS no Brasil também começou a ser realizada. Através da criação de uma rede de relações transculturais reguladas, os “MCs de batalha” - sujeitos especializados nesse tipo de performance - os quais há alguns anos se profissionalizavam exclusivamente através da indústria musical, a fim de se tornarem rappers, adquiriram meios para profissionalizar seu próprio circuito de batalhas de rima. As principais mudanças identificáveis nas condições do

trabalho artístico dos MCs que foram causadas a partir da expansão dos campeonatos internacionais incluem: o recebimento de salários e o financiamento via patrocínio; o registro em carteira de trabalho - em alguns casos; o surgimento de infra-estrutura material duradoura (equipamentos técnicos de som e de iluminação, microfones, tendas, acessórios de segurança, etc.); a criação e estabelecimento de critérios avaliativos objetivos para julgamento padronizado das performances; a ampliação do público, do corpo profissional que fomenta e reproduz o circuito de batalhas (MCs, jurados, apresentadores, mediadores) e da capacidade de articulação global do circuito de batalhas de rima; dentre outras inovações decorrentes da sofisticação dos modos de articulação de agência criativa por parte da juventude hiphopper.

Mas como as contribuições da Sociologia das Profissões podem ser incorporadas neste contexto de análise? A partir da teoria processual da ação de Sida Liu (2018), e acionando os trabalhos de Nunes (2022), sobre trabalho artístico, de Antunes e Marques (2022), acerca das identidade profissional, de Carvalho, Correia e Serra (2018), sobre auto-regulação, e de Dubar (2012), sobre subjetividade e trabalho, discutiremos a seguir, alguns elementos do processo de regulação profissional do circuito das batalhas de rima e do ofício de MC. Entendemos que os principais modelos de análise profissional, mesmo o oferecido por Liu (2018) devem passar por um descentramento, pois tais modelos de análise carregam consigo concepções de sujeito, de conhecimento e de profissão, muito distantes da experiência empírica que os MCs vivem no processo de profissionalização de suas atividades. Além de tal exercício de descentramento contribuir para o incremento dos modelos de análise das profissões, ele também constitui um posicionamento crítico, baseado na orientação política dos Estudos de Hip Hop. E, ao mesmo tempo, acreditamos que a defesa da necessidade de descentramento dos modelos de análise se alinha com nossa posição interacionista no debate da Sociologia das Profissões.

A opção pela teoria processual da ação é compatível com nossa ênfase sobre o papel da agência criativa no circuito de batalhas de rima,

além disso, ao partir de uma abordagem transnacional, a importância concedida por Liu (2018) ao processo de construção de redes de colaboração através de fronteiras - tanto nacionais, quanto jurisdicionais - enriquece e facilita análises sociológicas em um viés cosmopolita. Portanto, tomando as fronteiras de jurisdição, os diagnósticos da expertise e a construção de redes de troca, enquanto esferas de ação da vida profissional (LIU, 2018, p. 47), passaremos brevemente por algumas estratégias de regulação empreendidas contemporaneamente no circuito de batalhas de rima.

A delimitação de uma jurisdição em torno do ofício de MC passa por disputas para se diferenciar de outros profissionais do trabalho artístico, por vezes muito próximos dos MCs de batalha, como os rappers - por vezes entendidos também como MCs - poetas, *slammers* e literatos. A autoridade para conferir legitimidade a uma performance e para classificá-la como pertencente ao circuito de batalhas, e a autonomia que os sujeitos possuem para atribuir outros sentidos às performances e exercitar a liberdade criativa típica do trabalho artístico, podem ser entendidos como momentos articulados na delimitação de fronteiras profissionais. A platéia dos eventos, os jurados, apresentadores, patrocinadores e os demais MCs são todos agentes ativos na delimitação de uma jurisdição, eles a tornam efetiva através de elaborações críticas, com vistas tanto à manutenção de fronteiras, quanto ao borramento de fronteiras (LIU, 2018, p. 49), pois, enquanto busca-se a padronização avaliativa do ofício, também são incorporadas características de outros domínios profissionais, em uma chave de hibridação.

Por outro lado, no tocante à dimensão da expertise profissional, compreendemos que a construção social do conhecimento veiculado nas batalhas de rima confere sentidos subjetivos ao discurso poético e rítmico enunciado pelos MCs, atrelados à experiência dos sujeitos e aos valores políticos da cultura Hip Hop - que apontam para uma relação necessária com o quinto elemento do Hip Hop, o próprio conhecimento entendido como uma mentalidade ou forma de consciência coletiva resultante dos princípios de organização e formas de pensamento do Hip Hop (MILLER, et. al., 2014). Nesse

sentido, a expertise dos MCs é vigiada continuamente, e suas habilidades profissionais para rima, metrificação, enunciação, contextualização retórica, velocidade de pensamento, tempo de resposta, presença de palco, produção de identificação coletiva, enaltecimento do Hip Hop, exploração de áreas de saber, referenciação, entre outras habilidades especializadas, são colocadas em cheque durante as performances. Tal vigilância epistemológica não estabelece um padrão diagnóstico tão rígido quanto de outras profissões institucionalizadas, porém, o caminho da hibridação se mostra eficaz para incluir ou excluir sujeitos de acordo com sua competência, lhes atribuindo legitimidade através do que Sida Liu chama de co-produção diagnóstica (LIU, 2018, p. 51).

Já em relação à construção de redes relacionais, voltadas à cooperação e solidariedade, mas também às disputas e resistências, o circuito de batalhas de rima mostra-se prolífico em escala global, pois suas redes de associação são complexas e polivalentes, sendo atravessadas por trocas multiculturais entre comunidades nacionais. Ao mesmo tempo, as redes relacionais têm um papel fundamental no cotidiano profissional dos MCs, em termos da interdependência entre performances poéticas, hábitos profissionais e modos de sociabilidade e de identificação cultural dos sujeitos, que constroem sua identidade coletiva através de trocas e negociações (LIU, 2018, p. 53). As conexões entre projetos locais e globais se estabelecem nas batalhas de rima devido a homologias de experiência significativas, isto é, as visões de mundo e os modos de vida das diversas comunidades e grupos que se articulam no circuito de batalhas de rima convergem sobre um mesmo conjunto de valores, representados pelo Hip Hop - o que confere durabilidade a estas redes. Ademais, há “mitologias, gestos paralinguísticos, imaginações e estratégias narrativas” (HARRIS, 2019, p. 36) que sustentam tais redes, ao serem articuladas pelos sujeitos em estilos de vida, discursos de resistência e simbologias estéticas, bem como em códigos de regulação, de consumo e de representação, vigentes dentro dos espaços sociais das batalhas de rima (HARRIS, 2019, p. 25).

Ampliando um pouco mais nossa discussão a partir do modelo-base

fornecido por Liu (2018), temos as contribuições de Jordão Horta Nunes (2022), no tocante à inserção múltipla, enquanto uma forma dinâmica de sobreposição de atividades de trabalho, e à filiação cultural, isto é, o exercício prático de repertórios culturais como estratégia de identificação profissional (NUNES, 2022, p. 160). Tais conceitos dizem respeito ao comportamento profissional tomado por artistas brasileiros trabalhando em contextos transnacionais e nos permitem analisar como as motivações dos sujeitos se relacionam com o sentido de suas trajetórias laborais. A questão da inserção múltipla, assim como o paradigma analítico da viração (GREGORI, 2000), aponta para as ambiguidades do processo de precarização trabalhista, mas também para a resistência criativa desenvolvida no contexto laboral do “trabalho de rua”, que, por vezes, coincide com o itinerário dos trabalhos artísticos, a exemplo do trabalho dos MCs, que apesar de integrarem campeonatos ou ligas mais formais, exercem seu ofício de improvisação rimada sobretudo nas “batalhas de rua” do circuito Hip Hop. Os princípios e saberes que guiam o ofício dos MCs estão diretamente atrelados às experiências sociais da juventude negra e periférica, refletidas na oralidade e na corporalidade dos sujeitos - que, no contexto das performances poéticas, são determinantes para a construção de identidades profissionais. Ademais, Nunes (2022) chama atenção para usos estratégicos de repertórios culturais nacionais em contextos transnacionais, especialmente importantes, no caso dos MCs, para a relação íntima existente entre estética e ética de trabalho.

Nesse caso, a dimensão ética se conecta à dimensão estética através do Hip Hop, enquanto um conjunto de saberes construídos coletivamente, para serem integrados nas experiências dos sujeitos, intervindo politicamente em suas condições de vida - trazendo tanto reconhecimento quanto remuneração. Assim, a manifestação explícita e orgulhosa da filiação cultural brasileira em contextos laborais transnacionais fomenta tanto um estilo autêntico de performance profissional, conferindo especificidade à identidade profissional do MC, quanto uma visão de mundo situacional, alinhada pela ética prevalente na vida cotidiana dos MCs.

Dentre outros autores da Sociologia das Profissões cujas reflexões

contribuem para a análise dos processos de regulação profissional do ofício de MC estão Helena Antunes e Ana Paula Marques (2022), especificamente por sua concepção aberta de identidade profissional - alinhada com a interpretação vernacular e rizomática das identidades culturais (HALL, 2016), vigente nos Estudos da diáspora africana e nos Estudos de Hip Hop. O conceito de identidade profissional produz uma ponte analítica fundamental entre a experiência e a subjetividade dos sujeitos, pois as “marcas de identificação” que configuram a experiência profissional derivam do “envolvimento emocional” dos sujeitos com seu ofício (ANTUNES; MARQUES, 2022, p. 7). No caso dos MCs, o apego emocional e o comprometimento com um plano de carreira são características notáveis, tendo em vista que tal ofício possui um histórico de desvalorização, assim, a “paixão” profissional - um tipo de contentamento subjetivo altruista e comunitário do MC em relação à cultura Hip Hop - constitui a principal motivação dos sujeitos para ingressar e prevalecer atuando no circuito de batalhas de rima.

A construção de identidades profissionais é um momento importante dos processos de profissionalização, as mesmas são forjadas e sustentadas coletivamente, entretanto, os sujeitos também constroem a si mesmos através do trabalho, nesse sentido chamamos as contribuições de outro autor bastante reconhecido na Sociologia das Profissões, Claude Dubar (2012). Em primeiro lugar, seguindo uma abordagem compatível com o interacionismo, Dubar (2012) nos ajuda a entender a profissionalização de MCs como consequência dos modos de socialização dos sujeitos, os quais permitem aos mesmos adquirir competências e vínculos com atividades profissionais especializadas, que garantem, por conseguinte, reconhecimento (DUBAR, 2012, p. 354). Em segundo lugar, o autor salienta impactos subjetivos que a profissionalização das atividades de trabalho acarretam, levando-nos de volta à relação entre as experiências sociais e a subjetividade dos sujeitos - no caso dos MCs, o processo de construção de si via trabalho é o próprio locus ontológico de suas performances poéticas, pois as experiências profissionais retroalimentam seu imaginário, renovando constantemente repertórios e estratégias retóricas, a partir de um processo de formação profissional situado

“nas próprias ruas”. Ademais, Dubar (2012) oferece uma perspectiva singular e extremamente lúcida sobre os vínculos e rupturas da cadeia histórica de desenvolvimento e consolidação teórica da Sociologia das Profissões, assinalando continuidades e descontinuidades conceituais relevantes para situar a análise do processo de profissionalização do ofício de MC dentro de um enquadramento mais amplo.

Por fim, a discussão de Teresa Carvalho, Tiago Correia e Helena Serra (2018) nos leva a outro aspecto do processo social em análise: a verificação de modos externos de regulação - isto é, exógenos à cultura Hip Hop - atuantes no circuito de batalhas de rima em geral, e nos campeonatos transnacionais em particular. Tanto a liga Freestyle Master Series (FMS), quanto o campeonato Red Bull FrancaMente são iniciativas de regulação criadas por empresas com sede na Europa - Urban Roosters da Espanha, e Red Bull da Áustria, respectivamente - apesar de seu foco específico na cultura Hip Hop da América Latina. Nesse sentido, o neoliberalismo aparece como um interesse politicamente intrusivo no Hip Hop, apesar de sua produtividade econômica no circuito de batalhas de rima. Tal falta de confiança (CARVALHO, CORREIA, SERRA, 2018, p. 14), por parte dos MCs, do público e dos demais agentes mediadores, faz parte do processo de auto-regulação profissional de um ofício em vias de profissionalização. Tal caminho é atravessado por concepções éticas diversas e normas de compromisso variadas, de modo que múltiplas fontes e estratégias profissionais coexistem, em disputas pelos limites de jurisdição. A complexidade dessas dinâmicas de troca e negociação sinaliza um processo de hibridação (CARVALHO, CORREIA, SERRA, 2018, p. 16) de caráter antiessencialista, ou seja, na prática profissional dos MCs, os princípios políticos da cultura Hip Hop se entrelaçam com interesses externos e modos de regulação exógenos, ao passo que as contradições podem facilmente se tornar complementaridades - sobretudo devido às trocas multiculturais que vem expandindo o circuito de batalhas de rima na América Latina. Ademais, Carvalho, Correia e Serra (2018) nos lembram que a atitude contemporânea de suspeita sobre as profissões pode se infiltrar na dimensão prática como um tipo de vigilância epistemológica voltado à expertise profissional - um exemplo, comum nos últimos

anos, dentro do processo de profissionalização de MCs, é a contestação pública da perícia técnica dos jurados para avaliar e classificar dados tão subjetivos quanto os de uma performance poética em batalhas de rima, o que abre margem para disputas em torno da legitimidade de códigos de avaliação diferentes.

### **Considerações finais**

Neste breve texto procuramos caracterizar sociologicamente algumas das condições de profissionalização do ofício de MC, bem como, as formas de regulação vigentes no circuito transnacional de batalhas de rima, sinalizando pontos de toque entre a análise que propomos - teoricamente vinculada aos Estudos de Hip Hop e Estudos da diáspora africana - e trabalhos relevantes no campo da Sociologia das Profissões. As mudanças e inovações profissionais que motivaram esta proposta de análise incluem o surgimento de estratégias mais complexas para classificação e avaliação de desempenho, o estabelecimento de meios eficazes e duradouros de remuneração, o aprimoramento técnico das normas e códigos de regulação, o incremento da complexidade lírica nas performances, além da ampliação significativa da capacidade de articulação global da cultura Hip Hop. Por outro lado, as formas de regulação das batalhas de rima também estão ancoradas no incentivo ao papel ativo dos agentes mediadores, que então reproduzem códigos de regulação no circuito profissional, além de novas estratégias voltadas à reprodução e manutenção comunitária das batalhas de rima, e novos agentes externos que se estabelecem nos espaço sociais do Hip Hop, principalmente através de financiamento, para ampliar sua capacidade de influência e modelação das práticas culturais, em alinhamento com interesses neoliberais. Um outro aspecto relevante do processo de profissionalização de MCs que não pudemos explorar aqui - a ser aprofundado no futuro - é a “esportificação”, isto é, a profissionalização via transfiguração e reprodução adaptada de lógicas profissionais oriundas de outros campos de atividade profissional - no caso do ofício de MC, os principais esportes mimetizados são o boxe, o futebol, o skate e, naturalmente, o breaking.

Ao salientar as contribuições da Sociologia das Profissões para este trabalho pudemos explorar diversos elementos importantes do processo de profissionalização de MCs, devido ao potente arsenal de ferramentas analíticas deste campo de estudo, um instrumental compatível e desejável no tipo de análise empreendida. Entretanto, argumentamos, de modo propositivo, em favor da necessidade de descentramento dos modelos de análise profissional, na linha dos argumentos de Dubar (2012) e Liu (2018), no tocante à ampliação dos estudos de Sociologia das Profissões para ofício considerados menores, mais simples ou menos importantes. Nossas preocupações analíticas voltam-se aqui à consideração por outros sujeitos, outras ontologias e outro locus de experiência social dentro da análise sociológica das profissões, tendo em vista que a utilização adequada dos modelos convencionais para analisar um ofício incomum como o de MC exige adaptações e ajustes contextuais, demandando flexibilidade analítica e abertura para a incorporação de contribuições interdisciplinares.

No caso dos Estudos de Hip Hop, o aspecto afrodiáspórico da discussão exige atenção às articulações transnacionais de agência, que muitas vezes rompem com concepções ideais e abstratas de sujeito e de conhecimento (HALL, 2016, p. 38). Para estabelecer compatibilidade entre diversas formas de enquadramento teórico certamente devemos desafiar as convenções de cada campo de estudo, e neste texto acreditamos ter estabelecido rudimentos básicos, mas suficientes, para afunilar e sofisticar a discussão sobre a profissionalização do ofício de MC no decorrer de nossa pesquisa de doutorado. A centralidade da expertise nas batalhas de rima e sua relação com o conhecimento entendido como quinto elemento do Hip Hop, a reprodução da jurisdição profissional através da vigilância ontológica e epistemológica das performances e discursos, bem como, a formação de redes de solidariedade vinculadas à diáspora africana, são alguns dos elementos que indicam os próximos passos da pesquisa. A insaciável busca de MCs por reconhecimento, por transfigurar sua realidade através da arte, regulando sua própria experiência e estabelecendo códigos culturais de identidade, indica o desejo de humanização, de perseguir e alcançar não

apenas dignidade, mas liberdade criativa para agir em seu espaço de representação. Enquanto um ofício recente no segmento do trabalho artístico, o MC forja a sua própria profissão, através de um emaranhado de fluxos de agência coletiva e códigos de regulação híbridos, configurando um processo social polivalente extremamente potente, a ser desvendado por um olhar atento e incisivo, atrelado às lentes científicas da Sociologia.

### **Bibliografia**

ABAD, David Gurumeta. *Estructura interna y análisis de la estrategia de comunicación de la startup Urban Roosters*. P. 65. Monografía. Universidad Francisco de Vitoria, Departamento de Periodismo. Madrid. 2021.

ANTUNES, Helena; MARQUES, Ana Paula. Do monopólio do saber à lógica de mercado: a profissão do académico. *IV Colóquio Internacional de Ciências Sociais*. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2022. P.1-17.

CARVALHO, Teresa; CORREIA, Tiago; SERRA, Helena. Professions under suspicion: what role for professional ethics and commitment in contemporary societies. *Sociologias: problemas e práticas*, v. 88, 2018. P 9-25.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 146, São Paulo, 2012. P. 351-367.  
DU GAY, Paul. *Production of Culture/Cultures of Production*. 1st Edition. Londres: Sage/The Open University, 1997. P. 370.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. P. 206. Tese. Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo. 2005.

FLOR, Cauê Gomes. 2021. *Através do Atlântico: a genealogia e os modelos de diáspora africana*. São Paulo: Intermeios, 2021.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012. P. 432.

GREGORI, Maria Filomena. *Viração: experiências de meninos de rua*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 262.

HALL, Stuart. *Cultural Studies 1983: a theoretical history*. 1st Edition. Durham, London: Duke University Press: 2016. P. 233.

HARRIS, Travis. *Can It Be Bigger Than Hip Hop?: From Global Hip Hop Studies to Hip Hop*. *Journal of Hip Hop Studies*, v. 6, n. 2. Virginia, 2019. P. 17-70.

IGLESIAS, Tasha; HARRIS, Travis. It's "Hip Hop," Not "hip-hop". *Journal of Hip Hop Studies*, v. 9, n. 1, Virginia, 2022. P. 124-128.

JAISSON, Marie. O estudo das práticas médicas: o cenário da sociologia das profissões. *Saúde e Sociedade*, v. 27, n. 3. São Paulo, 2018. P. 704-714.

LIU, Sida. Boundaries and professions: toward a processual theory of action. *Journal of Professions and Organizations*, v. 5, n. 8. Oxford, 2018. P. 45-57.

MACEDO, Márcio. Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). In: KOWARICK, Lúcio. *Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais*. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2016. P. 23-53.

MEDEIROS, Priscila Martins de. Diáspora africana e artes: os debates recentes no NEAB-UFSCar para uma nova agenda de pesquisa. In: MEDEIROS, Priscila Martins, et. al. *E agora falamos nós: os 30 anos de história do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar*. 1ª Edição. São Carlos: EduUFSCar, 2023. P. 394.

MILLER, Monica; HODGE, Daniel; COLEMAN, Jeffrey; CHANEY, Cassandra. The Hip in Hip Hop: towards a discipline of Hip Hop Studies. *Journal of Hip Hop Studies*, v. 1, n. 1, 2014. P. 1-7.

NUNES, Jordão Horta. Inserção múltipla, intermitência e filiação cultural: o trabalho de músicos brasileiros na França. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 1. Porto Alegre, 2022. P. 159-171.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. *O fim da canção? Racionais MCs como efeito colateral do sistema canacional brasileiro*. P. 423. Tese. Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, 2015.

RACIONAIS. *Sobrevivendo no Inferno*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. P. 160.

RAMOS, Iván Cabanes. *The Urban Rooster Technologies Marketing Plan*. P. 82. Monografia. Universitat de Jaume I, Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas. Castelló de la Plana, 2020.

ROSE, Tricia. *Barulho de Preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos*. 1ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2021. P. 336.

SANTOS, Daniela Vieira dos. A nova condição do rap: de cultura de rua à São Paulo Fashion Week. *Estudos de Sociologia*, v. 27, n. 1, Araraquara, 2022. P. 1-21.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Agência criativa negra: rejeições articuladas e reconfigurações do racismo*. 1ª Edição. São Paulo: Intermeios, 2022. P. 272.

ZELEZA, Paul Tiyambe. African Diaspora. In: HOROWITZ, Maryanne (Org.). New Dictionary of the History of Ideas. 1st Edition. Farmington Hill: Thomson Gale, 2005.